

O BONDE

DIRETOR

Antônio A. Athayde

Redator-CHEFE

Nemésio José Sfriso

GERENTE

João E. Ramos

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano I ————— ESAV, 20 de Outubro de 1945

————— Número 8

Dr. J. M. Soares de Gouvêa

«O Bonde» abre hoje suas colunas para render um preito de reconhecimento e admiração ao Exmo. Snr. Diretor da Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Dr. José de Melo Soares de Gouvêa.

Acreditamos que não poderíamos tomar atitude mais justa, desde que, este jornal é um órgão que interpreta o sentimento geral dos alunos da ESAV, e o nosso tributo não é senão um reflexo do que vai no intimo de cada esaviano.

Saber ser grato é uma grande qualidade, mas maior ainda é a de se fazer admirado, ir de encontro às aspirações de uma coletividade. Aquela é uma das qualidades do esaviano, estas, do Dr. Gouvêa. «O Bonde», cuja existência deve a ele, sente-se orgulhoso de lhe transmitir sua homenagem, e por consequência, de todos os esavianos.

O Dr. J. M. Soares de Gouvêa, foi designado Diretor desta Escola na segunda metade do ano de 1939, tomando posse do cargo em julho do mesmo ano. Permaneceu na direção da mesma até princípios do ano de 1940, quando foi substituído interinamente pelo Dr. Geraldo Carneiro. Este aqui esteve até junho do ano de 1944, novamente volta à ESAV o Dr. Gouvêa em 12 de setembro desse ano, reassumindo sua Diretoria.

Nessa época, a nossa Escola vivia dias difíceis.

Circunstâncias várias projetavam sombras pouco animadoras na estrada que havia de trilhar esta «Forja de Gigantes». Ela dava passos incertos, mas os esavianos tinham a confiança de que a luz raiaria outra vez. E, de fato, ao ser retomado o bastão dos destinos da ESAV

pelo Dr. Gouvêa, ela passou a viver um clima interinamente diverso. Foi como o pássaro, se despiu da velha roupa, e que se vestiu de novo para um vôo livre pelo espaço, descrevendo mais uma etapa de vida.



Mas, para falar dessa personalidade que a todos nós infunde respeito e simpatia, nos colocamos em um plano a parte, de onde fala apenas a voz sincera e espontânea do esaviano.

Inicialmente, teríamos que dizer de uma curiosa particularidade do Dr. Gouvêa. Ele não tolera, a política. Não estamos de acôrdo, porém, o que o Dr. Gouvêa não aceita, é sim a «politicagem» como acontece com todo democrata de coração puro. No entanto dizemos que ele é um excelente político, porque exerce com maestria rara uma das modalidades dessa arte, que é a política administrativa. Na sua

(Continua na 4ª página)

Crônica da Semana

A. DIAS LOPES

Estamos naquelas tardes silenciosas, enuvecidas de uma revolta pacífica, de abril de 1944. A praça de esportes está vazia. Professores e alunos se emudeceram e se furtam mesmo ao cumprimento diário. Não se fala em nada e em tudo há silêncio.

Baldados tinham sido os nossos esforços para um entendimento com a Diretoria e a Congregação. Esta, depois de prolongadas reuniões e de debates que naturalmente houveram, ditava-nos normas para a execução do período de trote.

E veio então a nossa revolta pacífica, acalorada nas reuniões ao ar livre no bambual da piscina, sem todavia prejudicar o bom andamento dos trabalhos da Escola. E nessas reuniões surgiram então as medidas a serem tomadas, acompanhadas de um movimento pacífico e único, em que veteranos e calouros se confraternizavam. Festas, reuniões, comemorações, tudo que era da Escola ou feito pela Escola, não contava com a presença dos alunos. Estava de fato entreposta entre alunos e professores uma barreira dissidiária.

Os dias corriam e as reuniões entre os representantes dos alunos e os professores terminavam sempre no ar. A solução tornava-se cada vez mais inviável. A Congregação definitivamente não podia voltar atrás. E não voltou. E para conjurar o mal, a Diretoria do Diretório houve por bem deixar a questão para o próximo ano.

E debaixo dessa atmosfera descontente, incerta, deixávamos a ESAV, eu e outros colegas, para servir ao Exér-

(Continua na 4ª página)

MAJESTADE

VON π π

Naquela noite fria e úmida, V. Magestade passou, sorriu, cumprimentou e desapareceu na curva do caminho. Ela passou, e eu fiquei a filosofar, filosofia barata, é claro, mesmo porque o nosso infame regime de provas e sabatinas mensais, não permite altas elevações do espírito; era o caso de dizer «Cadê tempo»? Vi em V. Magestade, um ponto de harmonia entre os temperamentos mais discrepantes da E.S.A.V. Ante Ela, amoldam-se os biscoitos: Pavão e Tamborete, e esmeram-se os polidos: Joel e Rebelo. Fiquei a imaginar como aqueles ombros franzinos, podem suportar tanto peso, tanta responsabilidade. Tive a impressão de ver um Hércules carregando as colunas do mundo.

Uma pergunta se me aflorou: — «Porque precisamos Rainha? — O meu mesquinho espírito filosófico respondeu:

— Não sabes que a E.S.A.V. é mulher, e o seu núcleo é de células masculinas? Ela precisa de alma, alma sensível às minutas reações; porisso criou um trono, e para êle uma rainha. Querias que fosse ocupado por um homem? Serás tão fingido a ponto de querer ocultar a sensibilidade embrutecida dos homens, muitas vezes sufocada pela necessidade de ser homem? Não sabes que os do teu sexo, apenas lamentam o desgraçado acidentado para, segundos após, completamente esquecidos, contornar com olhos inquietos e cubiosos, as linhas sinuosas da «nêga» que passa? Quem iria sentir o desgarrar de uma ovelha do rebanho Esaviano? Quem iria «Soluçar» pela degeneração total do Rabicho, pelos constantes repentes romanescos e estúpidos do Quevedo, pelas perseguições sem tréguas do Papa-Angú? Se queres mais provas da sensibilidade, real, feminina, olha o poeta de «Pequenino Morto»:

(Continua na 3ª página)

DA ROÇA

Houve um jogo de futebol. Sobre uma pequena elevação à margem do campo estavam 15 senhoras, e moças, nos seus trajes de cores berrantes, em animada torcida. Não torciam para um quadro e sim para um

marido, um namorado ou para os irmãos.

Por uma infeliz casualidade passamos, um amigo e eu, por este festivo ambiente.

— Como é Abílio? Não vai pagar nada hoje?

Meu companheiro todo sem jeito respondeu.

— Vou sim. Vou buscar duas garrafas de cachaca para vocês.

— Então faz favor de levar estas quatro que já estão vaziias...

Continuando nosso caminho en-

contramos com 5 indivíduos. Cada um trazia a cabeça bem cheia de alcool e uma foicinha na mão. O Abílio perguntou:

— Aonde vão vocês? Pelo jeito alguém morre hoje.

— E morre mesmo, se aquele porcaião do Tavare não deixá eu carregá a miúde dele com traia e tudo, nós mata êle. Imagina que êle anda dizendo que a miúde eu posso levá, mas os trem dêla ninguém tira de lá; só quero vê quem é mais home.

— Zé —

VENENOS...

NOTA DA REDAÇÃO: A partir do próximo número, esta secção focalizará cada um dos cursos que militam na Escola. Para isto pedimos a colaboração de todos os colegas, que deverão se dirigir por escrito a um dos seguintes redatores: Mangueira, Espeto, Precoce, Atayde e Nemésio.

Sábado vindouro a nossa primeira vítima será o Elementar. Para dar maior interesse aos nossos futuros colaboradores, estabelecemos prêmios para as melhores colaborações. Os prêmios serão os seguintes: A melhor colaboração: 4 entradas para o cinema, em dias comuns (isto quer dizer que «O Vento levou» e outros, «neca») e para a segunda colaboração, 1 entrada. O julgamento se fará pelos redatores acima mencionados. Os trabalhos deverão ser entregues até às 10 horas de cada segunda feira.

Continua despertando interesse nos leitores do «O Bonde», a disputa amorosa, entre o Fan-Fan e o X. P. T. O. As apostas crescem dia a dia, em cada uma das facções disputantes. Nós, que ninguém nos ouça, estamos achando que isto já está parecendo briga de mulher. Pedimos aos dois litigantes que caso continuem a polêmica, tenham pena daqueles que não conhecem certos termos embolados que os dois se mimoseiam, e assim evitar que o Sacarina, Dourado, Pavió e outros sejam obrigados a ler «O Bonde» com o auxílio de um dicionário para «digerir» os mútuos insultos com que os dois «machudos» se brindam...

O Margarida, cada dia está mais lindo com aquela sua mimosa e delicada barbicha. Depois de várias indagações, conseguimos saber qual o motivo. Não querendo me arvorar em conselheiro, acho todavia que êle deveria raspar a barba com um bôa navalha e cortar o chifre, com um bom serrote...

Apareceu mais um galã na Escola. O Pica-Fumo, na sua excursão a Juiz de Fora, descobriu que, além dos conhecidos Tirones Powers, que são: Caminito, Taxinha, Matraca, Pê de Cana e Bicalhãozinho, o Ruão conquistou umas três ou quatro meninas, e das mais bonitas. Os próprios colegas de excursão, não acharam nenhum defeito nas referidas meninas. Nós, todavia, cujo papel é exclusivamente atrapalhar a vida dos outros, perguntamos, sem querer colocar malícia nenhuma: Vocês repararam se as referidas meninas não eram cegas?! ...

O Simão, mandou para uma determinada menina de Rio Branco, os números passados do nosso «O Bonde». Num deles, o Moguis, redator esportivo deste nosso matutino-sabatino, elogiava muito o Simão, considerando-o como um dos maiores frangueiros que já passaram pelos campos da E.S.A.V. Pois bem, na terra onde a tal menina nasceu, a palavra frangueiro tem outra acepção como os leitores poderão ver num trecho da carta que esta menina mandou para o Simão:

... «pois é, caro Simão, na minha terra, frangueiro é o rapaz que tem muitas «frangas» (namoradas), e eu acho que estou sendo enganada por você logo, etc., etc.» ...

N. R.: — Avisamos à distinta senhorita «Franga», que aqui na ESAV, frango, é uma bola fácil que o keeper deixa passar, e não, colecionador de Namoradas.

O Simão, em questão de Frangas (moças) é um fracasso, e em questão de Frangas (bolas), é um fracasso e meio ...

O Mané-Carapina indo a Rio-Branco e aproveitando a ausência do Matraca, resolveu bancar o Amigo da Onça e controlar a sua (dêle) namorada. E tentou, tentou, rufiou e nada. O diabo da menina está dura mesmo na queda e o Manezinho foi obrigado a recolher-se à sua insignificância. Também, não é querendo falar mal da vida alheia, mas nós achamos que o Mané devia ver que além de antiguidade ser posto, «cara» também influe ...

FREDDY

Carta à menina dos meus olhos

Querida:

Cheguei cansado do baile. Não, estou cansado de dançar, pois até nem dancei. O que sinto, talvez que não seja bem cansaço, e sim uma nostalgia ou por que não dizê-lo.... não é preciso, mesmo porque criar-se-ia uma situação embaraçosa entre nós dois. Você tem sido sempre tão gentil comigo que não me conformarei em perder a graça dessa amizade, preferindo a despreocupação que lhe dá a mesma à uma série de apreensões que ocasionaria um laço mais forte entre nós. Não, não lhe direi o que sinto, para não lhe magoar o coração, e também para não lhe merecer a caridade de um afêto, pois a sua bondade chegaria ao extremo altruístico dos desprendimentos de si mesma. E' por isso pois, que limitar-me-ei a essas linhas, que embora trôpegas na arrumação da pauta, expressam a firmeza de um sentimento puro.

Vi-a dansando muitas vezes, sempre sorrindo, atenciosa e elegante com o seu par sempre vario (você tem um sem-número de admiradores, e isso me enciuma). Graça, meiguice e simpatia são dos seus predicados os que mais se percebem e os que mais me apraz verificar. Os caprichos do Destino lançaram em minhas mãos uma relíquia sua que é um tesouro meu — seu retrato. Você, indiferente, tranquila, sorrir, sorri lindamente, ingenuamente como que zombando do meu sentimento. Não, você não seria capaz de zombar.

Sua palavra é fluente e bela. Muito me agrada reconhecer o quanto culta é, e como graciosamente conduz e mantém uma conversação! Ao ouvi-la, não sei a que mais atenção preste, se aos seus olhos brilhantes, que irradiam simpatia e também «falam», ou à sua voz, que é doce e melodiosa.

Quando você passa e às vezes me olha, é um dia feliz na minha vida triste. Pena é que você sai pouco e eu, nas poucas vezes que a vejo, . . . já é tarde; há sempre algem!

Apesar de todas essas complicações acho prazer nessa angustia, pois mais vale ter a certeza de que se ama do que duvidar se se é amado.

Você, garota bonita, ignora por completo esse «caso», e é conveniente que não tente resolvê-lo pois grande seria a sua decepção. Certamente que você fará uma «revista» mental ao seu exército de admiradores e amigos, é claro, contudo não vá além desse exame porque você nunca suspeitará do «pretencioso». Com este conselho, termino esta, rogando-lhe a caridade de re-

«O BONDE» NO AMOR

Em resposta a um anúncio publicado neste semanário, pelo nosso colega Clovis Rosa (Renúncia), com uma proposta de casamento, o mesmo colega recebeu da vizinha cidade de Rio Branco a carta que se segue. Como vemos, «O Bonde», é também a salvação dos solteiros: . . .

Rio Branco, 12 de Outubro de 1945.

Renúncia,

Eu, solteira com 19 anos de idade, nascida, batizada, e residente em Rio Branco, de tez morena, clara, olhos pretos, 1,50 de estatura e pêso de 50 quilos, cabelos castanhos e ondulados, tendo lido o seu anúncio no «O Bonde» a procura de uma esposa, declaro que estou apta a aceitar a sua proposta.

Serei uma esposa meiga e carinhosa.

Saberei sempre renunciar os meus prazeres em prol da felicidade de você Renúncia, a quem procurarei transformar esta solitária vida de solteira em um ninho de amor feito de minhas mais sinceras dedicações. Uma esposa leal e afetuosa.

Há mais de dois anos que me encontro só, abandonada, pelas diversões mundanas, a procura de um homem justo e honesto, a quem pudesse admiti-lo como meu esposo, e só agora por uma casualidade que me ofereceu «O Bonde» é que me parece pela primeira vez em minha vida ter-me aparecido o caminho da felicidade que por um acaso caminharemos juntos.

Espero portanto conhece-lo pessoalmente, aguardando o mais breve possível a sua vinda aqui em Rio Branco, onde você encontrará um coração amigo e que lhe almeja um milhão de felicidades.

Afetuosamente subscrevo-me

Marinela

N. B. Peço resposta urgente através as páginas de «O Bonde» este jornal crítico que talvez transformará duas vidas em uma única vida real e tendo por divisa «FELICIDADE»

servar-me uma contra-dansa (uma só chega) nos próximos bailes.

Seu velho e eterno admirador,

XIOL, o Platônico

P. S. — Caso você queira me responder alguma coisa use o endereço «O Bonde» e disponha de suas «linhas» para um passeio.

A VIAGEM

Reportagem remetida pelo correspondente especial enviado a São Paulo pelo «O Bonde».

Joel da Silveira

A Leopoldina apitou e partiu. Viçosa, envolvida pela costureira neblina, foi ficando para trás. Muita alegria. Piadas abundantes.

A viagem continua. Chegamos em Rio Branco. O Daker é envolvido por várias fans que desejam o seu autógrafo.

— Ubá! Ponto de almoço, anuncia o chefe.

Nesta hora o Alberto desguiou. Aliás o colega sempre perde o apetite quando em viagem.

— Que tal um sete e meio?

O convite do Mário foi imediatamente aceito. E o paulista, liberal, soltou a «gaita» para todos nós.

Poeira. Falta de conforto. Calor. O trem segue indiferente às lamentações do Memória. O Cearense, ostentando sua inseparável «sweater», fazia planos. Iria ao cinema, tomaria banho em Copacabana. Por falar nisto, você sabia que o Moacir já foi visto na praia, usando «sweater» e calção?

Os garotos do Prof. Leme, já cansados, mais se esgotam com os desajeitados carinhos do Afonso.

Chegando em Entre-Rios, vários colegas se sentiram enfasiado. Também pudera, com o jantar a dez cruzeiros . . .

Mais tarde, a faixa vermelha que divisamos da serra de Petrópolis, se transformou em Rio de Janeiro. E aqui estamos. O Alberto na boemia. O Memória nas praias, o Mário encantado com as cariocas. O Cornelio e Silvino lembrando o nordeste através das apetitosas peixadas. Eu tenho visto bons filmes e tomado gostosos chopes.

Bem caro leitor, amanhã, terça-feira, seguiremos para São Paulo. Como ainda tenho que arrumar a mala, vou parar por aqui. Ainda voltaremos «O Bonde», sempre em dia com o movimento nacional se encarregará de levá-los ao seu conhecimento.

PSEUDO - CHARADAS

— VON COCHONW —

1. O progenitor é a companheira de um ruminante. 1-2
2. O segundoanista é ferramenta de carpinteiro. 2-2
3. Respira-se, com aquêle formoso «teacher». 1-2
4. Na música, êle corta a lenha. 1-3
5. Tira a vida de tôdo o quadro de futebol. 2-2
6. No rei dos Judeus, êste colega é fezes de galinha. 4-3

MAJESTADE

«... Enquanto os pais não dizem nada,

Os corações das mães choram baixinho».

Como tem espinhos a corôa que lhe deram, entre festas, Majestade ...

Levantei-me, puz as mãos nos bolsos, e fui andando estrada afóra.

SOCIAIS

TEUS OLHOS

José Farah

*Gosto de ouvir teus
Lábios murmurando
Apenas para mim,
Uma frase qualquer;
Chama da voz de Deus
Impregnando
A voz de quem me quer!*

*Ah! quem me dea ter teus olhos
Belos; faróis em minha vida; dando
Rumo; e mostrando-me o destino,
E iluminando
Um caminho de abrolhos!*

*Olhos da côr da noite, luminosos;
Lábios da côr do sangue, suntuosos;
Iluminuras de um quadro divinal!
Vejo-te e vejo, o sol e vejo a vida
E vejo tudo que Deus um dia fez; e
Imaginando talvez que a natureza
Resolvendo farzer-te, exagerou,
Adornou-te com tudo, e se exgotou!...*

ANIVERSÁRIOS

Transcorreu dia 11 a data natalícia do colega Gabriel Müller, atleta que sempre soube lutar com ardor pelas côres esavianas. Parabens seu Milão.

Farão anos na próxima semana:

Dia 21 — Técnico Agrícola Ciro Jacques de Queiroz, auxiliar do Dep. de Biologia

Dia 23 — Sta. Maria do Carmo Vaz de Melo

Dia 24 — O colega Itrio Barbosa, atleta esaviano que disputou pela FUME nas últimas competições universitárias brasileiras

Dia 25 — Marcelina Lopes Rosado.

Aos aniversariantes será oferecido particularmente pelo Sr. Diretor de "O Bonde" um jantar no bar do Gustavo, regado a vinho do Porto. (Palpite do F. onça).

Dr. J. M. Soares de Gouvêa

(Conclusão)

gestão atual, nada tem feito o nosso Diretor, senão reafirmar o senso de orientação e comando já provado na sua primeira estada aqui. Senhor de ampla roda de amizades, goza igualmente de larga confiança nos círculos oficiais do Estado. As altas missões e postos já galgados por ele, dão conta dos seus conhecimentos técnicos de par com reconhecida honestidade. O caráter íntegro e franqueza de atitudes são qualidades próprias ao Dr. Gouvêa. E isto lhe vale a grande simpatia e confiança que

sempre inspira a todos aqueles que lidam com ele, e particularmente aos alunos da ESAV.

Tudo isto, credenciou de sobra ao nosso Diretor, para que prognosticássemos a etapa de renovações porque vem passando a Escola.

Até agora, sob suas deretivas, foi iniciada a construção de um campo de pouso para avião e da praça de esportes. Projetou-se um prédio para tecnologia, e já se fala numa enfermaria também. Está se fazendo a renovação do nosso rebanho bovino, e não têm sido pequenos seus esforços no sentido de melhorar os ordenados e pagamentos dos professores, servidores e operários. As máquinas entraram em movimento e as faixas de terreno aproveitáveis são arroteadas para o plantio. Todos esses empreendimentos dão vida e força a todos que aqui se comungam no trabalho diário.

No entanto, muito necessitamos ainda. Sem dúvida, inúmeros são os melhoramentos que esta Escola exige e merece. E em quem os esavianos poderão confiar? E' em Dr. Gouvêa. Porque a ESAV já foi compreendida por ele, e sua capacidade de trabalho e administração, nos autorizam para nele depositarmos essas esperanças. Pois se a ESAV vem rompendo até aqui as sebes que se antepõem a sua marcha gloriosa, porque parar? Com o sangue moço que o Dr. Gouvêa vem lhe inoculando, ela há sim, de continuar, progredir sempre para bem de Minas e do Brasil. Para orgulho de esavianos e brasileiros.

EXCURSÃO

De Ouro-Preto retornou à ESAV a embaixada esaviana que tomou parte dos festejos comemorativos do 69º aniversário da fundação da tradicional Escola de Minas, a convite da comissão promotora dos mesmos.

Voltaram muito bem impressionados com o que presenciaram na velha e histórica cidade. Por certo, muito terão que contar aos esavianos os componentes da embaixada do segundo ano.

Crônica da Semana

(Conclusão)

eito. E o adeus e o "bicho berra" dos nossos colegas, na estaçãozinha da Escola, pareciam a alvorada sinistra que começava a desintegrar a família esaviana, e que nos acompanhava, no rolar fatigante da máquina sobre os trilhos, a medida que afastávamos da ESAV.

No entanto, havia um lume, tal qual um faról no imenso oceano orientando a não perdida, que poderia, caso quisesse se aproximar, servir de táboa de salvação para Escola. E foi o que aconteceu. Se aproximou, chegou e venceu. Tomou acento em sua cadeira há muito ocupada interinamente e, então, novos horizontes se vislumbraram à ESAV. Sua vida normalizava-se. Os esportistas voltavam às canchas com mais ardor, como espartanos que não podem deixar desaparecer a glória de um José Cândido, de um Petronílio, a ponto de se sagrarem brilhantemente campeões mineiros universitários de atletismo. O caos, a fogueira que se incendiara em abril, desaparecia e novamente a harmonia, o trabalho e a ação norteavam os rumos esavianos.

E isso por que? Simplesmente porque o nosso Diretor soube contemporizar a situação. Se um desejo não podia ser satisfeito, outros, também de nossa aspiração, podiam ser resolvidos. Melhorar a ESAV, melhorando a situação do aluno, foi a sua preocupação.

E então da economia de suas palavras, mas de uma absoluta sinceridade e franqueza, começou a brotar a ação imediata de suas promessas. Piscina, campo de aviação, sede do Diretório, praça de esportes, passaram para o campo da realidade e hoje surgem à vista do céptico, do pessimista, do derrotista, quase prontos, a concretizar a sua ação fecunda e laboriosa na direção da ESAV.